

Limite. ISSN: 1888-4067
Vol. 10.1, 2016, pp. 9-12

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 10.1 / 2016



2016

Revista científica de carácter anual sobre estudios portugueses y lusófonos, promovida por el Área de Filologías Gallega y Portuguesa (UEx) en colaboración con la SEEPLU.
<http://www.revistalimite.es>

CONSEJO DE REDACCIÓN

Director - Juan M. Carrasco González - direccion@revistalimite.es

Secretaría - María Luísa Leal / Iolanda Ogando González secretaria@revistalimite.es

VOCALES

Carmen M^a Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Luisa Trias Folch (Universidad de Granada)

M^a da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

M^a Jesús Fernández García (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad de Extremadura)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Carlos Cunha (Universidade do Minho)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Évora)

Isabel Leiria (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

M^a Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

M^a da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

M^a Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Otília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones. Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 – Cáceres. Tfno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

<http://www.unex.es/publicaciones> – e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09

I.S.S.N.: 1888-4067

Imprime: Gráficas Biblos S.A. Tfno. 927 225 728

Limite

Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Número 10.1 – 2016

Varição Dialetal e História da Língua Portuguesa

Coord. Paulo Osório



Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite. Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de (Revista) en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Número 10.1 – 2016

Variação Dialetoal e História da Língua Portuguesa

SUMARIO / SUMÁRIO

Paulo Osório – Nota Introdutória. Variação Dialetoal e História da Língua Portuguesa	9-11
Lisete Gaspar / Paulo Osório – A Estrutura Atributiva e os Tipos de Posse no <i>Leal Conselheiro</i> de D. Duarte: um Estudo de Sintaxe histórica	13-39
Fortunato Castro Piñas – Más noticias sobre el pronombre enclítico al participio en la lengua del valle de Jálama o <i>Xálima</i>	41- 62
Ignacio Vázquez Diéguez – Conservação de léxico comum entre galego e português do norte: limites entre vocabulário padrão e vocabulário dialetoal	63-84
Fernando Brissos – Portugal: a cidade e o interior. I – Centro-sul	85-106
Fabio Scetti – Variación dialetoal de la lengua portuguesa. Evolución de la lengua portuguesa en un contexto de migración: la “comunidade portuguesa” de Montreal	107-119

Varia

Teresa Araújo – O espelho da «saudade de conversar contigo» (cartas de Sophia a J. de Sena)	123-135
Carlos Nogueira – A poesia de Liberto Cruz: arte e comunicação	137-163
Ana Paula Arnaut – <i>O Fotógrafo e a Rapariga</i> (Mário Cláudio): o labirinto da biografia das paixões	165-178
Amélia Maria Correia – Camões no cânone escolar. Paradigmas e leituras(s)	179-199

Reseñas /recensões

T. F. Earle – António Ferreira, <i>Castro</i> , ed. org. por Marfa Rosa Álvarez Sellers, 2000	203-204
Xosé Manuel Dasilva – Jorge Bastos da Silva, <i>Tradução e Cultura Literária. Ensaio sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal</i> , 2014	205-207
Maria do Rosário Cunha – Eça de Queirós, <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i> , edição crítica de Ana Luísa Vilela, 2015.	207-210
Marfa Eugénia Pedrosa Casares – Carlos Reis, <i>Pessoas de Livro</i> .	

<i>Estudos Sobre a Personagem, 2015</i>	211-213
Maria Graciete Besse – Lídia Jorge, <i>O Amor em Lobito Bay</i>, 2016	214-216
Normas de publicação / Normas de publicação	217-221

Limite

Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 10.1 – 2016

Dialectal variation and History of the Portuguese Language

SUMMARY

- Paulo Osório** – Introductory note. Dialectal variation and History of the Portuguese Language 9-11
- Lisete Gaspar / Paulo Osório** – The Attributive Structure and the Types of Possession in *Leal Conselheiro* by D. Duarte: a Study in Historical Syntax 13-39
- Fortunato Castro Piñas** – New Remarks on the Attachment of Pronoun and Participle in the Language of Jálama or *Xálama* 41-62
- Ignacio Vázquez Diéguez** – Conservation of a Common Lexicon Between Galician and Northern Portuguese: Limits Between Standard Vocabulary and Dialectal Vocabulary 63-84
- Fernando Brissos** – Portugal: the City and the Inland. I – The Center-south 85-106
- Fabio Scetti** – Dialectal Variation of the Portuguese Language. Evolution of the Portuguese Language in the Context of Migration: the “*comunidade portuguesa*” of Montreal 107-119

Varia

- Teresa Araújo** – The Mirror of the «*saudade de conversar contigo*» (Sophia letters to J. de Sena) 123-135
- Carlos Nogueira** – The Poetry of Liberto Cruz: Art and Communication 137-163
- Ana Paula Arnaut** – *O Fotógrafo e a Rapariga* (Mário Cláudio): The Labyrinth of the Biography of Passions 165-178
- Amélia Maria Correia** – Camões in the School Canon. Paradigms and Reading(s) 179-199

Book reviews

- T. F. Earle** – António Ferreira, *Castro*, ed. by Marfa Rosa Álvarez Sellers, 2000 203-204
- Xosé Manuel Dasilva** – Jorge Bastos da Silva, *Tradução e Cultura Literária. Ensaio sobre a Presença de Autores Estrangeiros em Portugal*, 2014 205-207

María do Rosário Cunha – Eça de Queirós, <i>O Mistério da Estrada de Sintra</i>, ed. by Ana Luísa Vilela, 2015	207-210
María Eugenia Pedrosa Casares – Carlos Reis, <i>Pessoas de Livro. Estudos Sobre a Personagem</i>, 2015	211-213
María Graciete Besse – Lúdia Jorge, <i>O Amor em Lobito Bay</i>, 2016	214-216
Standards of publication	218-221

Variación dialectal e historia de la lengua portuguesa

Varição dialectal e história da língua portuguesa

Coord. Paulo Osório

A Estrutura Atributiva e os Tipos de Posse no *Leal Conselheiro* de D. Duarte: um Estudo de Sintaxe Histórica

Lisete Gaspar / Paulo Osório
Universidade da Beira Interior
zetagaspar7@hotmail.com / pjtrso@ubi.pt
Data de receção do artigo: 10-04-2016
Data de aceitação do artigo: 05-05-2016

Resumo

Situado na época arcaica da língua, o *LC* será um testemunho de mudanças e inovações em curso, essencialmente por se tratar de um momento de transição e de emancipação linguística, que necessariamente teve de lidar com a convivência entre formas antigas e novas. Ao longo deste artigo, estaremos particularmente atentos aos verbos *Ser*, *Estar*, *Haver* e *Ter* e à proximidade semântica e sintática que nos permite um estudo relacional e binómico entre *Ser/Estar* e *Haver/Ter*.

Palavras-chave: *Leal Conselheiro* – mudança – Verbos *Ser/ Estar/ Ter/ Haver*

Abstract

Born in the Middle Age, the *LC* will also be a testimony of change and innovation in place, especially because this is a moment of linguistic transition and emancipation in which new and old forms need to coexist. In this paper, our focus will be on the verbs **Ser**, **Estar**, **Haver** and **Ter**, observing their semantics and syntactic proximity, and performing a study that involves the intrinsic relation between **Ser/Estar** and **Haver/Ter**.

Keywords: *Leal Conselheiro* – change – verbs *Ser/ Estar/ Ter/ Haver*

Abreviaturas

ADP – Atributiva Descritiva Permanente

ADT – Atributiva Descritiva Transitória

ALG – Atributiva Locativa Geográfica

ALNP – Atributiva Locativa Nocial

ALNT – Atributiva Locativa Nocial

ALP – Atributiva Locativa Permanente

ALT – Atributiva Locativa Transitória

AUX. - Auxiliar

BI – Bens Inerentes

BIA – Bens Imateriais Adquiríveis

BMA – Bens Materiais Adquiríveis

BNP/BRP – Biblioteca Nacional de Paris/Biblioteca Real de Paris

G.N. – Grupo Nominal

INF. - Infinitivo

LC – Leal Conselheiro

PAE – Predicado Atributivo Equativo

PAP – Predicado Atributivo Possessivo

PART. - Particípio

PI – Predicado Intransitivo

SN – Sintagma Nominal

SPREP – Sintagma Preposicional

1. Considerações iniciais

O horizonte histórico que envolve o nascimento do *Leal Conselheiro* (doravante, *LC*) singulariza-se pelo vigor da ação da dinastia de Avis, fortalecida por um espírito ambicioso e inovador, responsável pelo perfil revolucionário que caracteriza o século XV português. Nas páginas do *LC*, encontramos vestígios da mentalidade de uma geração que, desde cedo, prenunciou os alvares dos tempos modernos, bem como a marca mais direta de um homem idealista, empenhado em transmitir uma visão clarividente, sustentada na verdade cristã e nos valores morais, humanos e doutrinários que ambicionava para o Homem português: um Homem mais virtuoso, mais completo, capaz de redesenhar as suas potencialidades e de desafiar a visão de si mesmo, numa inspiração de orientação claramente humanista. Numa combinação entre a tradição medieval

cristã e os prelúdios de um espírito renascentista, o *LC* desenha o contexto social do Portugal da época e testemunha a fase de transição que acompanhou a sua composição. Mais do que um conjunto de curiosidades filosóficas ou de entretenimento à reflexão, o *LC* anuncia uma forma de estar e de agir na vida, pois nutre um amplo fundamento prático e quotidiano. Por outro lado, manifesta claramente a consciência religiosa da profundidade de certos valores e de certas atitudes ponderadas com reflexão e espiritualidade, teorizando a natureza do Amor, da Saudade, da Tristeza, do Medo, do Pecado e do poder da Vontade, numa apoteose entre o racionalismo prático e a psicologia angustiada.

O século XV é um período histórico-linguístico particularmente favorável à mudança, pois delimita o momento de transição entre a Idade Média e os alvares da Modernidade. A passagem de um para o outro foi paulatina - tanto linguística como socialmente - e, por esse motivo, encontramos registos escritos desta época que evidenciam a coexistência entre formas antigas e novas (que rivalizam), bem como o conflito que antecede a adoção definitiva de algumas variantes inovadoras. Foi determinante o protagonismo da geração de Avis na afirmação de uma cultura e de uma língua de identidade nacional, como o admite Ivo Castro:

Mesmo sem partilhar de uma visão heróica da história, é de reconhecer que os infantes de Avis, os seus colaboradores e os seus contemporâneos, foram os grandes elaboradores da língua portuguesa do século XV, pese embora à arraia miúda e aos que têm uma visão épica da história. (1993: 105-106)

Quando escreveu o *LC*, D. Duarte não se preocupou com o esmero linguístico. Ele próprio afirma, no *Prólogo*, ter por intenção o entendimento das suas palavras, mais do que o exemplo literário. Todavia, reconhecemos nele uma formação aprimorada e acrescida das influências marcantes da época. Por este motivo, não é de todo absurdo encontrar no seu discurso algumas tendências que o afastem dos hábitos linguísticos do povo. Ainda assim, duvidamos que o seu comportamento linguístico se distancie sobremaneira da norma da restante comunidade, excetuando no recurso aos latinismos tão em voga na época e no rigor ortográfico. Na verdade, o texto de D. Duarte reclama para si o privilégio da sua abundância textual, do seu enquadramento cronológico e do seu potencial linguístico, dentro de um envolvimento social riquíssimo e a transbordar prosperidade.

Conta, ainda, com a vantagem de ser um único manuscrito de origem portuguesa e, portanto, livre das influências dos tradutores e das orientações particulares dos *scriptoria*.

Frente aos nossos objetivos, é com segurança que extraímos do texto do *LC* dados que irão testemunhar uma aproximação sintática à realidade da língua do período arcaico médio. Para a análise das variáveis sintáticas a estudar, selecionámos um *corpus* exclusivamente composto pelo texto do *LC*. Da autoria do rei D. Duarte, este texto enquadra-se nos limites do ano de 1428-1438, portanto no século XV. Os limites *a quo* e *ad quem* previstos para a redação do texto colocam-no num momento de transição denominado, por alguns, de arcaico médio. A edição impressa que selecionámos para a análise é a de Maria Helena Lopes de Castro, uma edição crítica, com introdução e notas da autora e prefácio de Afonso Botelho. Datada de 1998, esta edição foi feita através de fotografias do próprio manuscrito, depositado na BNP (ou BRP). A versão digitalizada que permitiu o levantamento das ocorrências e o estudo percentual dos dados é a que se insere no programa *Phrasis* (Projecto Vercial, versão 2.0, copyright © 2003 - 2007), que elegemos para essa mesma finalidade estatística, sendo que os dados levantados são decorrentes das limitações desta escolha. Trata-se de um programa de concordâncias de textos em português antigo (séculos XII – XVI). O texto do *LC* é uma transcrição feita por José Barbosa Machado, a partir da edição de 1842 (Paris, Aillaud, publicada por José Inácio Roquete) e da edição de 1543 (Lisboa, Tipografia Rollandiana), em confronto com a edição de J. Maria Piel (Lisboa, Bertrand, 1942) e a edição crítica de Maria Helena Lopes de Castro (Lisboa, Instituto Nacional Casa da Moeda, 1998).

2. A análise dos traços sintáticos de *ser/estar/ter/haver*

A análise dos traços sintáticos dos verbos Ser, Estar, Haver e Ter exige uma preocupação com a descrição do caráter sintático e também semântico destes mesmos verbos, ou seja, com a sua natureza funcional dentro da estrutura frásica. E esta funcionalidade a que nos referimos centra-se no seu núcleo, ou seja, preocupa-se com as diversas possibilidades de expressar a predicação verbal, dentro da sua relação com o sujeito e com os complementos. Para tal, seguiremos de perto as considerações de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008, sobretudo a parte I - páginas 13 e ss.) e tomaremos por base a

classificação semântico-sintática de predicados desenvolvida pela autora, bem como a análise da estrutura atributiva e do tipo de posse. Esta configura-se da seguinte forma:

- a) predicados existenciais (ou impessoais), que se caracterizam por não selecionarem sujeito e que no português arcaico se expressam pelos verbos *Haver* e *Ser*;
- b) predicados atributivos subdivididos em quatro tipos:

b1) equativos (ou identificacionais), que se caracterizam semanticamente pela equivalência referencial entre o sujeito e o complemento do núcleo verbal do predicado. O verbo *Seer* ocupava esta posição no período arcaico;

b2) descritivos, que se caracterizam semanticamente por atribuírem uma qualidade permanente ou transitória ao sujeito que se expressa por um nominal. Os verbos *Seer* e *Estar* ocupavam o núcleo do SV, mas não lhes era exclusivo;

b3) locativos, que se caracterizam semanticamente por apresentarem um complemento que localiza o sujeito de forma permanente ou transitória, no espaço, no tempo ou nocionalmente. Os verbos *Seer* e *Estar* representavam esta estrutura, a par com outros verbos;

b4) possessivos, que descrevem a relação de posse existente entre o possuidor e o (objeto) possuído. Por norma, têm como núcleo do SV o verbo (H)aver, que no período arcaico comutava com *TÊr/Teer*.

- c) predicados intransitivos, que requerem apenas o sujeito da frase. Todavia, dentro deste temos os verdadeiramente intransitivos, em que o sujeito não se assume como o agente do processo verbal e os ergativos ou neutros, em que o sujeito não é nem origem nem agente;
- d) predicados transitivos, que para além do sujeito, requerem pelo menos mais um argumento, seja SN ou SPREP.

2.1. A estrutura atributiva

Para além da definição do tipo de predicado, a nossa análise incorre, ainda, sob a discriminação semântica da estrutura atributiva,

de acordo com Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008). Orientada para a compreensão do sentido, valoriza a significação da estrutura frásica, no sentido de interpretar a intencionalidade discursiva. Este tipo de estrutura subdivide-se nos seguintes grupos: ADP – Atributiva Descritiva Permanente¹; ADT – Atributiva Descritiva Transitória²; ALP – Atributiva Locativa Permanente³; ALT – Atributiva Locativa Transitória⁴; ALNP – Atributiva Locativa Nocial Permanente⁵; ALNT – Atributiva Locativa Nocial Transitória⁶ e LG – Atributiva Locativa Geográfica⁷. Ambas, permanente e transitória, expressam tanto o atributo/qualidade do sujeito, como a localização espacial, temporal ou nocial.

2.2. *Os tipos de posse*

A relação possessiva expressa uma dependência entre o sujeito e o predicado, relação essa que canaliza o valor semântico do objeto possuído. É da necessidade de distinguir no predicado diferentes indicadores de natureza semântica, que surge uma classificação que opera a três níveis (Cf. Rosa Virgínia Mattos e Silva, 2008): a) BMA (Bens Materiais Adquiríveis) - posse de bens materiais adquiríveis, exteriores ao possuidor («E posto que nom acertem de fazer que ja verdadeiramente se fez, nem dos que afirmam haver ouro encantado, o que tenho por grande bulrra, por evidentes razões

¹ «E assi como se fazem freos de feições desvairadas, e os que üas bestas nom enfream as outras som em eles bem aderençadas, semelhante se faz nas moraes ensinanças, antre as quaes esta deve seer contada.» (Prólogo).

² «De temperança como estam, olhem ao comer, beber e feito de molheres como se cada üu governa, em que principalmente tal virtude se demonstra; desi se todos feitos assi temperadamente obram que nom tressaiam nas partes sobejas ou falidas.» (Cap. RIX).

³ «Com esto concorda üu capitulo que no Livro do Cavalgar havia scripto, o qual aqui fiz traladar, de nos guardar de cair pera diante, apropriandoo aas cousas contrairas.» (Cap. LXXXII).

⁴ «E des que partiom com os officaes de minha casa estava ataa XI horas.» (Cap. XIX).

⁵ «E quando se cobrarem ou perderem, naquela conta se devem teer, conhecendo que som mais inclinados aa parte do bem, ou do mal, segundo as sentirmos per o que veemos ou speramos.» (Cap. RI).

⁶ «E esta natural se parte em duas: üa he prudencia e outra justiça; e ambas estom na natureza inteitual.» (Cap. LIX).

⁷ «Quinta, ordenança que se deve teer em nossa capela, por que grande parte acrecenta em boa devaçom os officios devinos seerem dictos e ouvidos bem e devotamente, e a boa devaçom faz deixar os pecados e seguir as virtudes.» (Cap. LRI).

e boos enxempros que prolixo seriam descrever, por em sobrestas obras da natureza meu conselho he que ligeiramente nom se cream por as mentiras que algüus que parecem doutoridade sobrelas afirmam.» - Cap. XXXVII); b) BIA (Bens Imateriais Adquiríveis) - posse de bens/qualidades imateriais adquiríveis, intrínsecos ao possuidor («Todo boo homem, pela graça de Deos, deve teer entençom de trazer sempre ante seus olhos os bões e mercees que recebe dele, e esso meesmo dos senhores, e nas boas obras e serviços que lhe fazem seus amigos e servidores.» - Cap. XI); c) BI (Bens Inerentes) - posse de bens inadquiríveis e inalienáveis, inerentes ao possuidor («E üu capelam meu que tem esta virtude, e tambem de parirem as molheres sem cajom em sua presença, nom som cousas que se bem cream.» - Cap. XXXVII).

2.3. Análise dos dados

2.3.1. Breve explicação de alguns objetivos e metodologia

Neste ponto, é nosso objetivo considerar um conjunto de traços comportamentais específicos de ordem sintático-semântica das variáveis linguísticas selecionadas. Conscientes de que qualquer metodologia tem as suas limitações, optámos por escolher um método que permitisse a mensuração das variáveis, pela contagem de ocorrências. Tomaremos a classificação sintático-semântica de predicados empreendida por Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008, fundamentalmente pp. 147-159) e faremos o enquadramento dos traços sintáticos dos verbos SER, ESTAR, HAVER e TER que nos propusemos examinar. Concorrerá para a análise dos dados, a observação do tipo de predominância da estrutura atributiva, fazendo-se o levantamento dos diferentes tipos de posse. Levaremos a cabo a quantificação dos dados da amostra, procedendo-se à análise de acordo com a contagem do número de ocorrências identificadas para cada um dos critérios definidos.

2.3.2. Análise

Numa primeira apreciação dos dados documentais em análise, podemos observar a discrepância na totalidade das ocorrências recolhidas. Num total de 3948 registos, 2686 pertencem ao verbo Ser. Naturalmente que mesmo sendo este o verbo que previsivelmente alcançaria maior projeção na estatística, não deixa

de nos surpreender que este número concorra com apenas 781 ocorrências do verbo Haver, 404 do verbo Ter e 76 do verbo Estar. Nitidamente em superioridade numérica, o verbo Ser alcança uma percentagem que excede, em larga escala, os restantes dados desta amostragem.

De acordo com os dados extraídos, e no que se refere à frequência de uso dos quatro verbos no *corpus* do LC, Ser e Haver dominam o universo destes verbos, o primeiro em 68% e o segundo em 20%. Considerando o binómio Ser/Estar, é inquestionável a preferência de Ser sobre Estar, que ocupa apenas 2% da amostragem. Do mesmo modo, também a observação do binómio Haver/Ter não deixa dúvidas quanto à superioridade de Haver (20%) relativamente a Ter (10%).

Levantámos todas as ocorrências dos verbos em causa nas suas diversas possibilidades, na perspectiva de partir de uma observação geral do nosso objeto, para depois nos determos sobre as diferentes variações que nos propusemos examinar. Numa primeira instância, optámos por proceder ao seu agrupamento quantitativo em unidades modo-temporais. Esta distribuição surge na dependência de um em relação ao outro, pois tempo e modo são morfologicamente inseparáveis. Ainda que cada um protagonize a sua própria função dentro do sistema, a sua representação faz-se de forma cumulativa através de um mesmo morfema modo-temporal:

Distribuição global dos tempos e modos no LC

SER	ESTAR	HAVER	TER
MODO INDICATIVO			
Presente			
Soo (4 ocs.)	-----	Hei (8 ocs.)	Tenho (30 ocs.)
Es (5 ocs.)	-----	Has (3 ocs.)	-----
He (761 ocs.)	Esta (18 ocs.)	Ha/Hade (119/3 ocs.)	Tem/Têe (101/2 ocs.)
Somos (45 ocs.)	Estamos (2 ocs.)	Havemos (59 ocs.)	Teemos (4 ocs.)
Soes (4 ocs.)	Estaes (2 ocs.)	-----	Teendes (2 ocs.)
Som/Sam (456/5 ocs.)	Estom/Estam (2/5 ocs.)	Ham (69 ocs.)	Teem (85 ocs.)
Pretérito Imperfeito			
Era (12 ocs.)	Estava (2 ocs.)	Havia (7 ocs.)	-----
-----	-----	-----	-----
Era (70 ocs.)	Estava (3 ocs.)	Havia (15 ocs.)	-----

Eramos (15 ocs.) ----- Eram (7 ocs.)	----- ----- -----	Havíamos (18 ocs.) ----- Haviam (7 ocs.)	Tínhamos (2 ocs.) ----- Tinham (1 oc.)
Prérito Perfeito			
Fui (13 ocs.) ----- Foi (51 ocs.) Fomos (4 ocs.) ----- Foram/Foram (25/3 ocs.)	----- ----- ----- ----- -----	Houve (1 oc.) Houveste (1 oc.) Houve (10 ocs.) Houvemos (1 oc.) Houvestes (1 oc.) Houverom (8 ocs.)	Tive (2 ocs.) ----- Teve (3 ocs.) Tevemos (3 ocs.) ----- Teverom (1 oc.)
Prérito Mais-que-perfeito			
Fora (2 ocs.) ----- Fora (9 ocs.) Foramos (1 oc.) ----- Foram/Foram (0/0 ocs.)	Estevera (0 ocs.) ----- Estevera (1 ocs.) ----- ----- -----	Houvera (0 ocs.) ----- Houvera (3 ocs.) ----- ----- Houverom (1 oc.)	----- ----- ----- Teveramos (2 ocs.) ----- ----- Teverom (0 ocs.)
Futuro			
Serei (1 oc.) Seras (1 oc.) Sera (41 ocs.) Seremos/Seeremos (11/1 ocs.) ----- Seram/Seeram (12/1 ocs.)	----- ----- ----- ----- ----- -----	----- ----- Havera (12 ocs.) Haveremos (15 ocs.) ----- Haverees (1 oc.) Haverom (2 ocs.)	----- ----- ----- ----- ----- -----
MODO CONDICIONAL			
Seria (1 oc.) ----- Seria (12 ocs.) ----- ----- Seriam (10 ocs.)	----- ----- ----- ----- -----	Haveria (1 oc.) ----- ----- Haveria (1 oc.) Haveríamos (3 ocs.) ----- ----- Haveriam (2 ocs.)	----- ----- ----- Terria (2 ocs.) ----- ----- -----
MODO CONJUNTIVO			
Presente			

Seja (1 oc.)	-----	Haja (2 ocs.)	Tenha (2 ocs.)
Sejas (5 ocs.)	-----	Hajas (2 ocs.)	-----
Seja (174 ocs.)	-----	Haja (19 ocs.)	Tenha (15 ocs.)
Sejamos (18 ocs.)	-----	Hajamos (18 ocs.)	Tenhamos (6 ocs.)
Sejades/Sejaes (1/2 ocs.)	-----	Hajaes (1 oc.)	Tenhaes (3 ocs.)
Sejam (54 ocs.)	-----	Hajam/Hajom (24/16 ocs.)	Tenham (14 ocs.)
Pretérito Imperfeito			
Fosse (1 oc.)	Estevesse (0 ocs.)	Houvesse (1 oc.)	Tevesse (2 ocs.)
-----	-----	-----	-----
Fosse (37 ocs.)	Estevesse (1 oc.)	Houvesse (4 ocs.)	Tevesse (4 ocs.)
Fossemos (5 ocs.)	Estevessemos (1 oc.)	-----	Tevessemos (1 oc.)
-----	-----	-----	-----
Fossem (20 ocs.)	-----	Houvessem (1 oc.)	Tevessem (3 ocs.)
-----	-----	-----	-----
Futuro			
For (0 ocs.)	Estever (0 ocs.)	Houver (0 ocs.)	Tever (0 ocs.)
Fores (1 oc.)	-----	-----	-----
For (105 ocs.)	Estever (2 ocs.)	Houver (10 ocs.)	Tever (5 ocs.)
Formos (16 ocs.)	-----	Houvermos (6 ocs.)	Tevermos (5 ocs.)
-----	-----	-----	Teverdes (2 ocs.)
Forem (29 ocs.)	Esteverem (1 oc.)	Houverdes (1 oc.)	Teverem (6 ocs.)
-----	-----	Houverem (12 ocs.)	-----
MODO IMPERATIVO			
-----	Esta (0 ocs.)	-----	Tem/Têe (0/0 ocs.)
Seja (175 ocs.)	-----	Haja (35 ocs.)	Tenha (2 ocs.)
Sejamos (18 ocs.)	-----	Hajamos (1 oc.)	Tenhamos (2 ocs.)
-----	-----	-----	-----
Sejam (0 ocs.)	-----	Hajam/Hajom (1/0 ocs.)	Tenham (1 oc.)
FORMAS NOMINAIS			
Infinitivo Impessoal/Pessoal			
Ser/Seer (1/331 ocs.)	Estar (22 ocs.)	Haver (175 ocs.)	Ter/Teer (1/60 ocs.)
Seeres (1 oc.)	Estarem (3 ocs.)	Havermos (16 ocs.)	Teermos (5 ocs.)
Seermos (15 ocs.)	-----	(D')Haverdes (4 ocs.)	Teerem (1 oc.)
Serem/Seerem (2/50 ocs.)	-----	Haverem (11 ocs.)	-----
Gerúndio			

Sendo/Seendo (1/40 ocs.)	Estando (11 ocs.)	Havendo (41 ocs.)	Tendo/Teendo (1/21 ocs.)
Particípio Passado			
-----	-----	Havido (9 ocs.)	Teudo (4 ocs.)

Partindo do quadro anterior, podemos imediatamente verificar que existe uma clara hierarquia dentro do conjunto dos exemplos arrolados, sendo o modo Indicativo o mais representado. A este segue-se o Infinitivo, logo depois o Conjuntivo, posteriormente o Imperativo, o Gerúndio, o Condicional e o Particípio Passado. A análise aqui realizada pretende, essencialmente, estabelecer a relação entre o uso do verbo e o conteúdo do texto em questão, bem como o grau de homogeneidade ou de heterogeneidade resultantes dessa mesma leitura.

A larga predominância do Indicativo (55%) relativamente aos restantes modos verbais aponta para a extensão clara do realismo e da objetividade intencionada dos factos textuais. A natureza do texto justifica este papel, denunciando o tom das premissas vincadas pelo perfil da obra e pela intenção do seu autor em manter um registo declarativo que favoreça a intemporalidade dos valores e da ética que enuncia:

E quando nos veem cousas temerosas, contrairas, e que a sanha ou tristeza nos queira derribar, consiiradas segundo si, apropriamse aa parte iracivel, nas quaes podemos teer boas tres maneiras per esta guisa: se o feito e tal em que nom ha remedio, com mansidõe filhar paciência. (Cap VI)

Ao modo Indicativo segue-se o Infinitivo com 18% de ocorrências. Este, ao tratar-se de um modo genérico, não é marcado pela flexão temporal, e pode ser adotado como substituto de outros tempos verbais. Para além disso, confere à ação um caráter abstrato, não a particularizando, pelo que é também a forma selecionada para exercer a função substantiva que é própria dos sintagmas nominais.

E diz mais: «Nom presumas seer ou estar com algũa molher soo em lugar secreto e ascondido sem juiz e testemunha». (Cap. RVII)

O modo Conjuntivo (17%), enquanto representativo dos factos hipotéticos e desejáveis, está igualmente presente na natureza do próprio texto, na medida em que expressa o desejo do autor em ver aplicados os valores, os conselhos e as orientações que é necessário

seguir para se ser um bom conselheiro. Todavia, a distância em relação ao Indicativo reforça uma intencionalidade comunicativa que é atual e imediata, por isso claramente mais afastada do caráter eventual do Conjuntivo, que transporta a realização dos factos para o futuro:

Quem se gloriar no Senhor, haja gloria. (Cap. XII)

Mais distante se encontra o Imperativo, na representação de atitudes de ordem ou de instrução (6%). A fraca ocorrência deste modo verbal justifica-se pelo tom de proximidade que o autor pretende dar ao texto. Temos a confirmação disso mesmo pela inclusão de si próprio na obra, seja no papel de protagonista das diretrizes que apregoa, seja no papel de recetor, humanizando-se ao lado dos restantes homens a quem se dirige. Desta forma, reforça também o caráter pedagógico do *LC*, não o transformando num manual de leis a cumprir, mas antes numa leitura de orientação e de respeito pelo ser humano:

“Terceira, que nom sejamos vencidos desordenadamente em algũa paixom damor, temor e assi das outras que adiante se diram”. (Cap. I)

A corroborar a ideia apresentada para a fraca incidência do Conjuntivo está também o registo de apenas 3% de ocorrências para o Gerúndio. O aspeto inacabado que expressa terá contribuído para este resultado, por não estar em conformidade com o perfil semântico que temos vindo a descortinar:

“E o Senhor diz que, estando ante o altar, se nos lembrar que nosso irmão tem algũu escandalo conta nos, que leixemos nossa oferta e nos vaamos reconciliar com el”. (Cap. XVI)

A essência futura tão característica do Condicional certamente justifica a sua fraca ocorrência de apenas 1%. Este resultado confirma, justamente, a intenção do autor em situar-se ao nível do imediato, do momento real, como forma de tornar o texto atual em todos os momentos de leitura:

“E a esto bem penso que, per vinho, muito seria derribado, porque de üu acordo em semelhante caso muito mal fazem, ca el assi destroio a alma, corpo e fazenda com taes amores”. (Cap. RVI)

A ocupar a última posição está o Particípio Passado, com uma participação totalmente nula em relação aos restantes:

Aos quaes respondendo com reprehensom por que se venciam per esta revessada voontade, dizendolhes que pois a eles satisfazia como era teudo, que havia de fazer nem dizer sobre o que aos outros graciosamente de seu boo prazer queria dar? (Cap. XV)

Em relação ao uso dos modos e dos tempos verbais é conveniente abrir um parêntesis sobre um ou outro aspeto significativos. Podemos dizer que, no exame destas ocorrências, considerámos características estritamente objetivas daqueles que são os valores básicos dos enunciados em que ocorrem. Quer isto dizer que não tiveram tratamento especial as formas semanticamente extensíveis, ou seja, aquelas cuja expressão pode ir além do seu núcleo significativo e expressar factos ou intenções próprias de outras, como será o caso de formas do presente com expressão de futuro. Estes casos, claramente existentes e pertinentes, não cabem, no entanto, nos nossos objetivos. Tal implicaria um aprofundamento mais minucioso que nos desviaria das verdadeiras intenções deste estudo. Pretendemos, apenas, uma interpretação parcimoniosa dos dados que, não sendo superficial, exclua, parcialmente, perspectivas decorrentes de uma visão interna e aprofundada dos contextos semânticos.

A par com a organização dos modos, podemos também observar uma hierarquia em relação aos tempos verbais, que vai corroborar com o que acima foi dito sobre a relação entre a natureza do texto e a escolha dos modos e tempos verbais.

O predomínio do presente, representando 77% das ocorrências, coloca-o a uma distância considerável dos restantes tempos verbais. Verifica-se, igualmente, que a referência a ações passadas (total 13%) é mais frequente do que a referência a ações futuras (10%), ainda que a proximidade entre elas seja muito grande. O apelo ao passado pode fazer-se por analogia ou por necessidade de buscar nele a confirmação dos assuntos reais do presente. Do mesmo modo, a presença do futuro nunca estará completamente ausente de um texto tão rico como o *LC*. De qualquer forma, é a distância que separa estes dois do tempo presente, que merece o nosso interesse. Repare-se que o uso do presente subjaz à reflexão do autor sobre os problemas que gravitam na sociedade portuguesa. Esses, a si contemporâneos na sua maioria, traçam o estado atual das

coisas e exigem medidas que se legissem no momento presente e para o momento presente, sugerindo uma ação a concretizar agora.

Assim sendo, é na expressão do presente que se faz a análise social, ética e moral de D. Duarte e é na linha de extensão do real observado para o real realizado que se exorciza a sua atuação pedagógica e finalística. À homogeneidade semântica preside, pois, a conformidade linguística presente nas escolhas morfossintáticas dos verbos em estudo:

E se a enveja he dos males que outrem faz ou he desposto costumado de fazer, quem tal sente erra muito, contra os quaes se diz em no salmo: «Nom queiras haver enveja dos maleciosos, nem desejo de seguir os fazedores de maldades, porque assim como feno trigosamente secarom, e assi como herva nova logo asinha passarom». (Cap. XV)

Servindo-nos de Silva e Osório (2008), é oportuno referir que um dos pilares que sustenta a definição do termo *ad quem* do português arcaico médio é, justamente, a substituição do condicional pelo imperfeito. A partir do século XIV assiste-se ao predomínio do imperfeito, o qual se vai acentuando paulatinamente. A leitura atenta dos dados por nós apresentados mostra que há um número reduzido de formas verbais no condicional (30 ocs.), por comparação a um número significativo de ocorrências no imperfeito (240 ocs.). É já claro, a esta altura, que o *LC* regista laivos de modernidade característicos da fase de transição em que se situa. A emancipação das formas do imperfeito relativamente às do condicional, com uma margem bastante alargada, é mais uma evidência desse mesmo facto:

E no dicto Livro das Colações se lee de üu monje que era doestado per certos infiees, os quaes lhe diziam que mostrasse sinal de bondade que havia em sa lei. (Cap. XIII)

Ca seendo assi nom haveríamos livre alvidro e, per consequente, nem desmercimento o que a Santa Igreja per contrairo determina e manda creer. (Cap. XXI)

Concluída a leitura interpretativo-comparativa dos modos e tempos verbais dos verbos Ser, Estar, Haver e Ter, seguimos agora para a descrição do comportamento sintático-semântico destas mesmas formas verbais. Começaremos por observar a estrutura

atributiva, o tipo de predicado, a auxiliaridade com as formas nominais e as estruturas de posse.

2.4.A estrutura atributiva: distribuição comparativa dos dados

Considerámos, dentro da estrutura atributiva, tanto os atributos permanentes como os transitórios de caráter descritivo ou locativo. Verificamos, pois, que Ser ocorre em todas as possibilidades, ainda que praticamente escasso em estruturas de tipo ALT/ALNT (locativo transitório, nocional ou não) ou em estruturas de tipo ALG (locativo geográfico). Predomina, indiscutivelmente, a descritiva permanente, com 92% conquistados do total de exemplos arrolados⁸: “O quarto decimo he que nom seja palavroso, nem havedor de arroidos nem riso, porque a temperança muito val em o homem”. (Cap. L)

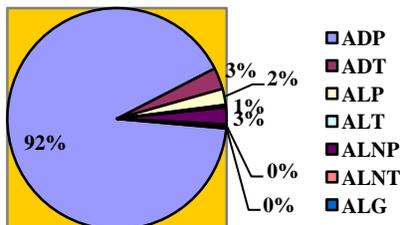
O verbo Estar, considerada a mesma estrutura, revela indicadores diferentes. Nota-se a preferência para ocorrer em estruturas transitórias, sejam elas locativas ou descritivas:

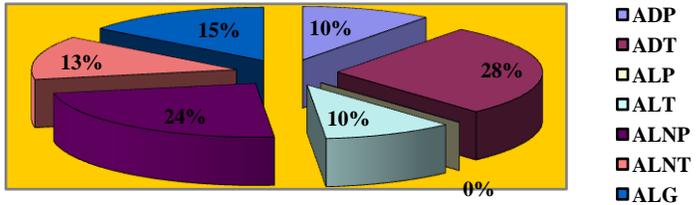
Pois tal he dos logares das pestenenças onde continuamente muitos morrem, a respeito dos semelhantes que som de saude, por em sandice he, sem special necessidade, estar onde ela andar. (Cap. LIIII)

Os contextos semânticos permanentes estão presentes, mas apenas significativos dentro da estrutura locativa: “E em esto me parece que devemos estar a determinaçom da Sancta Madre Igreja”. (Cap. LIII)

Assim, o verbo estar em estrutura atributiva pode ser diagramaticamente representado:

⁸ Quanto ao verbo SER em estrutura atributiva, temos os seguintes dados:





Considerámos, também, a relação entre os verbos Haver e Ter dentro da análise atributiva. Relativamente a Haver, verificámos, novamente, a primazia da estrutura descritiva sobre a locativa. Do mesmo modo, também os atributos permanentes superam os transitórios em larga escala:

“Sperança he üu atrevimento de vontade, concebida da largueza de Deos, pera haver vida perduravel, segundo Sancto Agostinho”. (Cap. LXI)

Em relação ao verbo Ter, os resultados são semelhantes. É a estrutura descritiva a preferida, bem como o carácter permanente o mais selecionado:

“Ca os sobervosos muito sentem se outros com eles se querem igualar ou sobrepojalos, dos quaes eles se teem em maior conta”. (Cap. LXXVI)

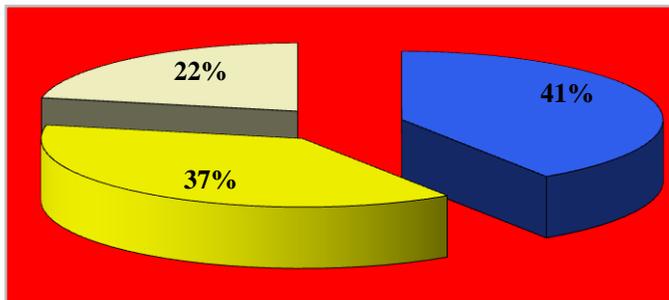
Os contextos locativos são os que apresentam uma frequência mais baixa, praticamente insignificante face aos restantes dados:

Pera esta val muito continuadamente querer saber toda cousa que razoada seja, guardando aquela palavra que, teendo na cova o pee, ainda desejamos daprender, per que se demostra como devemos sempre teer esta teençom; porque do boo aprender nace boo saber e jeito densinar. (Cap. I)

2.5. O tipo de posse: distribuição comparativa dos dados

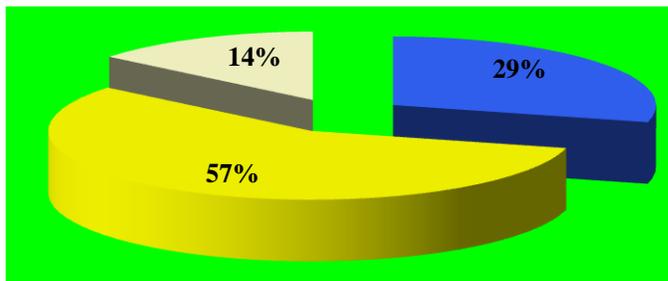
Partindo de Osório (2004), afirmamos que, no período arcaico, Haver e Ter não estavam em variação livre nas estruturas de posse. É só na passagem do século XIV para o século XV que o verbo Ter dá sinais de superar Haver e de afirmar-se como principal verbo para designar a posse, ainda que possam comutar em determinados contextos. Os atributos de tipo BMA e BIA ocorrem de forma equilibrada com o verbo Haver, sendo inferior a frequência da estrutura de tipo BI. Com o verbo Ter aparece a posse de tipo BI em último lugar e a de tipo BIA em primeiro, esta relativamente distante da de tipo BMA. Ora, isto não acontece com Haver, em que a proximidade entre ambas destaca subtilmente o tipo de posse BMA comparativamente a BIA. Com estes dados é-nos apenas possível confirmar que Ter supera Haver no tipo de posse BIA, mas Haver supera Ter nas de tipo BMA. A posse de tipo BI é ainda superior com o verbo Haver. Assim, confirmamos que a expansão de Ter sobre o campo semântico de Haver se difunde primeiro do contexto BIA para o BMA. Observemos os seguintes gráficos:

a) Haver e o tipo de posse



■ BMA ■ BIA □ BI

b) Ter e o tipo de posse



■ BMA ■ BIA ■ BI

2.6. As diferentes modalidades nominais: distribuição comparativa dos dados

No conjunto das possibilidades de ocorrência dos verbos em questão, foram levantadas as referentes às estruturas em que Ser, Estar, Haver e Ter ocorrem com participípio passado, gerúndio e infinitivo. Para o efeito, considerámos apenas as construções plenas, em que as formas verbais em questão representam o auxiliar da forma verbal composta. Advertimos que o resultado obtido é, no entanto, limitado para uma descrição mais ampla do problema, pois o número de casos encontrados é bastante diminuto (com excepção do verbo Ser, que possui um número de exemplos mais significativo). Ainda assim, podemos adiantar algumas conclusões e corroborar com outros estudos a respeito.

O verbo Ser ocorre em número superior quando acompanhado de Participípio Passado (98%), sendo quase insignificante o número de ocorrências registadas para as restantes modalidades (2% com Infinitivo e 0% com Gerúndio). É aqui importante referir que a aceitação do Participípio Passado como um tempo composto permanece envolvida em alguma controvérsia. Autores como Said Ali (1957) insistem que quando a flexão do participípio concorda com o objeto direto, não se pode considerar um tempo composto, pois não se dá a fusão sintático-semântica implícita nesse tipo de construção verbal. Por outro lado, também é fraca a

unanimidade quanto à definição do momento da história da língua em que este fenómeno terá sofrido mudanças e a partir de que momento podemos realmente falar de tempos compostos.

Desta forma, advertidos para esta diretiva, tivemos especial atenção à nossa recolha, por forma a detetar as construções que pudessem levantar alguma controvérsia e que, na verdade, não formassem um tempo composto verdadeiro, mas duas ações simultâneas que pudessem confundir-se numa só. São nulos, no nosso *corpus*, os registos deste participio a concordar com o objeto direto. Na verdade, os poucos exemplos irregulares que encontramos podem ser apenas um erro, tanto de impressão, como do copista, uma vez que não formam um padrão minimamente sugestivo. Desta forma, é pouco provável que existisse variação na concordância do participio passado.

Continuando a explorar a ocorrência das diferentes modalidades nominais com as formas verbais em questão, vamos agora passar para o verbo *Estar* e tirar as conclusões que os dados nos permitem relativamente a este verbo. Com o verbo *Estar*, a modalidade predominante é também a do Participio Passado, com 90%. A esta segue-se o Gerúndio, com 10%, e o Infinitivo, sem nenhuma ocorrência:

E que esto faleça, per seu virtuoso cuidado ham dele boo passamento, como screvem de Cipiom que de si dizia nom se sentir menos soo que quando soo estava, ca per boos cuidados sempre lhe parecia estar bem acompanhado. (Cap. XXIII)

O verbo *Haver* mostra um resultado distinto dos anteriores, com um destaque de 90% para a estrutura com Infinitivo. Seguem-se os 10% de frequência para o Participio Passado e nenhuma ocorrência para o Gerúndio:

E por ende haver de quebrar o mandado da Sancta Igreja, por comprir o que jurou, nom he razom, porque a jura nom pode obrigar a fazer tal cousa per que sejam desobedientes aa Sancta Madre Igreja, e do quebrantamento dela deve se fazer satisfaçom, se tal caso for. (Cap. XXXIII)

Com o verbo *Ter*, destacam-se as estruturas com Participio Passado (87%), seguindo-se o Infinitivo (13%) e o Gerúndio sem qualquer ocorrência:

Da compreissom, manha, saber, condiçom, virtudes, enquanto reguardarmos ao que Nosso Senhor Deos nos tem naturalmente outorgado, por a razom suso scripta sempre devemos seer contentes, nunca lançando a el achaque de nossas culpas e falicimentos. (Cap. LXXIII)

Podemos, assim, concluir que o Particípio Passado ocorre predominantemente com os verbos Ser, Estar e Ter e que com os mesmos são quase inexistentes as ocorrências com o Gerúndio e com o Infinitivo. É o verbo Ser que apresenta mais exemplos com Particípio, seguindo-se Ter, Haver e Estar, nesta ordem. Este é um dado muito interessante, na medida em que Ter supera Haver neste tipo de construção, o que comprova a sua expansão e a sua afirmação como seu sucessor. Apesar de partirmos de um *corpus* muito específico e, portanto, parcialmente representativo do estado da língua no século XV, os resultados são exatos e muito significativos. Note-se que esta tendência é análoga à das estruturas possessivas, em que também Ter é o verbo mais selecionado. Esta é, pois, uma fase privilegiada na história da língua portuguesa, onde podemos perceber as mudanças que traçarão, mais tarde, as linhas do português moderno. Igualmente importante é observar o comportamento sintático destas estruturas. A par com a predominância das ocorrências, verificámos também a existência de seis tipos distintos de formação com o Particípio Passado:

Tipo 1: (aux.+part. passado+ G.N.)

E assi nunca devemos leixar de obrar com ela ataa onde mais e melhor obrar podermos, porque grande mal e pecado he nom curarmos daquela estremada virtude per que o Senhor Deos de todas outras criaturas deste mundo nos ha estremado em vantagem e melhoria. (Cap. LIII)

Tipo 2: (G.N.+aux.+part. passado)

E tal convem sentir das semelhantes, por ende nom e de perder o bem que per contriçom do mal havemos recebido, nem per arrependimento das cousas per nos bem feitas o galardom, que per mercee de Nosso Senhor del speramos, em nada seja tornado, mais sempre façamos fim de taes cuidados em louvar seu Santo Nome, por nos relevar as grandes penas na vida presente de que eramos por taes feitos merecedores. (Cap. XXV)

Tipo 3: (G.N.+part. passado+aux.)

E o perfioso e pertinaz, seguindo e comprindo o desordenado desejo de seu coração e voontade, quer mal e como nom deve seus feitos levar adiante, filhando por grande falimento com vãagloria e soberva decer e leixarse de cousa que começada tenha, entendendo que fazelo assi he sua mingua, sendo grandemente enganado, porque o falimento he el fazer ou dizer o que de razom haja a leixar e nom comprir. (Cap. LXXX)

Tipo 4: (part. passado+aux.+G.N.)

Dela nacen e veherom muitos males, como diz Sam Joham Cassiano no Livro dos Statutos, que esta, morando em nos, cega os olhos da alma com treevas mui empeeceives, nom leixa haver juizo dereito de discreçom nem vista de honesta contemplaçom, nem leixa possuir madureza de conselho, nem consente seer os homêes quinhoeiros da sancta vida, nem reteedores da justiça, nem recebedores de spiritual e verdadeiro lume, porque diz o profeta: «Torvados som meus olhos pela sanha». (Cap. XVI)

Tipo 5: (aux.+G.N.+part. passado)

Ca nom entendamos que nos he dado lugar por cousas que razoadas pareçom haver sanha, como assi seja que qualquer cega os olhos da razom, pois que deferença sera pera tirar a vista: poer ante os olhos pasta de chumbo, ou douro? Certo e que assi a ùa como a outra a vista embarga, e aquela tirada, logo pera cair estamos muito aparelhados. (Cap. XVI)

Tipo 6: (part. passado+G.N.+aux.)

Do cedo mandado nos he que nom tardemos de comprir as cousas que por Deos proposeremos fazer; em segredo, porque o Senhor manda que a mão ezquerda nom saibha o que fezer a direita, ledamente porque o Apostolo diz que Deos ama a quem por El com ledice da suas esmolas e ofertas; per boa consiiraçom, por guardar aquel dicto que todalas cousas façamos per boa ordenança e conselho. (Cap. XXIX)

As estruturas predominantes são as de tipo 1 e 2, com um grau de frequência muito próximo um do outro. Entre Ser e Estar, a preferência recai sobre o primeiro, que também oferece um *corpus* de análise muito mais extenso. Entre Haver e Ter, a primazia é de Ter em todos os tipos registados. Ora, esta superioridade assevera a sua expansão em relação a Haver e, mais uma vez, é um claro indício de que Ter se encontrava no caminho certo para se tornar o verbo mais

selecionado na representação deste tipo de locução verbal. Por outro lado, observámos anteriormente que a estrutura do tempo composto só seria legítima a partir do momento em que este deixasse de ser flexionado em concordância com o complemento. As conclusões a que chegámos é que essa concordância não se verifica, pelo que não podemos falar de variação, mas sim de unificação. É, pois, esta uma fase de inovação da língua, claramente sugerida e refletida no trabalho de D. Duarte, e já dominante num *corpus* com esta extensão. Reconhecemos que não aspiramos a mais do que uma pequena sondagem. No entanto, a ausência de flutuação neste tipo de construção é deveras marcante e não deve ser tratada como uma mera curiosidade. Acreditamos que o facto de se tratar de uma obra de Avis, tenha grande influência nos resultados, não fosse este o punho que deu à língua portuguesa a expressão da modernidade. Será que podemos afirmar que, neste momento, estava em marcha o português arcaico médio?

Por oposição, o verbo Haver inverte os papéis e dá primazia às estruturas com Infinitivo, para relegar para segundo lugar o Particípio Passado e o Gerúndio. Nas perífrases formadas com Infinitivo, confirma-se, pois, que é Haver o verbo mais selecionado neste *corpus* do século XV.

Confirmada a preferência pela perífrase formada com Haver, retomamos a observação destas ocorrências perífrásticas lembrando que, à semelhança do que aconteceu com as estruturas formadas com Particípio, continua a não existir uma estrutura fixa para a sua formação, pois no *corpus* pudemos encontrar três tipos distintos, todos eles prováveis com Ser, Haver e Ter:

Tipo 1: (Ser/Haver/Ter (de)+inf.)

«E sobre taes fundamentos cousa nom tem dobrar pera dar a exucuçom, nem meter em proveitosa ordenança». (Cap. XII)

«O XIIº, que seja de forte e perseverante proposito em aquelas cousas que sabe e entende que tem de fazer, e audaz e sem temor e mingua». (Cap. L)

Tipo 2: (Ser/Haver/Ter+__+(de)+inf.)

«E nom he porem de teer que todas estas cousas nos podem obrigar nem costringer a pecarmos». (Cap. XXI)

Tipo 3: (Ser/Haver/Ter de+___+inf.)

E poderemos assi dizer, por dar boo exemplo, o proposito que havemos de nos guardar do pecado e cousas mal feitas, como Sam Paulo dizia que nunca seria que el jamais em al filhasse gloria senom em na cruz de Nosso Senhor Jesu Cristo. (Cap. XIII)

Em suma, regista-se a preferência pela perifrástica de tipo 1, na qual os elementos se apresentam contíguos. Esta pode surgir com ou sem a preposição “de”, tendo maior vigor o uso da preposição, mas não havendo qualquer registo que evidencie a escolha pela preposição “a”. A nível semântico, verifica-se a mesma intencionalidade na escolha da perífrase com Haver, muitas vezes marcada pela futuridade, e também no valor de obrigatoriedade ou necessidade infligido pela perífrase com Ter. O verbo Ser reforça significativamente a oração existencial, embora mostre indícios de necessidade e de futuridade. Curiosamente, os verbos Ser e Ter não manifestam os tipos 2 e 3, mas o verbo Haver espraia-se pelos 3 tipos definidos, valorizando a sua presença na perifrástica de tipo 1.

Apenas os verbos Ser e Estar ocorrem no *corpus* seguidos de Gerúndio. Apesar de apresentarem uma frequência muito reduzida, merecem alguma atenção da nossa parte. A respeito desta estrutura, observa Rosa Virgínia Mattos e Silva:

A estrutura em causa pode ser interpretada ou como constituindo um grupo ou locução verbal em que expressa um acto único em seu aspecto durativo ou dois actos independentes, embora concomitantes ou simultâneos, constituindo duas orações. No primeiro caso, os verbos enumerados acima funcionariam como auxiliares, não expressando assim a sua significação lexical como verbo pleno; no segundo, funcionariam como verbos plenos, constituindo duas orações (1989: 447).

3. Em tom de conclusão

Concluimos que, no século XV, no *LC*, o verbo Ser era claramente preferido em estruturas descritivas e permanentes, substituindo Estar dentro desta variação semântica, enquanto que o verbo Estar era, sem dúvida, o verbo típico para a expressão dos atributos locativos e descritivos transitórios. Verificamos que as estruturas atributivas descritivas ocorrem de forma muito equilibrada

com Haver e com Ter e o mesmo acontece com as locativas, cuja percentagem de ocorrências é, também, muito próxima. Do mesmo modo, idêntico equilíbrio se verifica na preferência de ambos os verbos por estruturas semanticamente permanentes. Entre os contextos transitórios há, igualmente, um nível de ocorrência equilibrado. Com estes dados, somos obrigados a concluir que Haver e Ter coexistiam nos mesmos contextos semânticos e predominavam em contextos atributivos descritivos permanentes.

Com Ser predominam largamente os predicados atributivos descritivos e com Estar dominam os predicados locativos e não há qualquer representação para os de tipo PAE (Predicado Atributivo Descritivo), PAP (Predicado Atributivo Possessivo) e PI (Predicado Intransitivo). Os descritivos também têm uma representação significativa. Com Haver predominam os predicados possessivos, com representação significativa para os de tipo descritivo e existencial. Não se representam os de tipo PAE. Com Ter também predominam os possessivos, como seria de prever, com alguma representação dos de tipo descritivo. Não há ocorrências para os tipos PAE. É, igualmente, importante destacar a preferência de Haver como verbo existencial, comparativamente a Ter, cuja ocorrência é quase inexistente, mas não a Ser, cuja percentagem de ocorrências aparenta valores consideravelmente inferiores, mas apenas enquanto valor percentual, pois é ocasionado em função da relação entre o conjunto dos restantes tipos de predicado, do mesmo modo que se protagoniza num universo de ocorrências totalmente distinto. Com Haver predominam os tipos BMA, evoluindo para os tipos BIA e BI. Com Ter predominam os tipos BIA, seguindo-se os tipos BMA e BI. As estruturas de posse evoluem de forma diferente com cada verbo. Ter supera Haver nos tipos BIA e Haver supera Ter nos tipos BMA. A posse de tipo BI é de menor frequência em ambos, ainda que ligeiramente superior com Haver. Assim, confirmamos que a expansão de Ter sobre o campo semântico de Haver se difunde primeiro do contexto BIA para o BMA.

Bibliografia

Ali (1957): Manuel Said Ali, *Dificuldades da língua portuguesa. Estudos e observações*, 5.^a ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

- Arruda (1987): Lígia Maria de Melo Arruda, *Contribuição para o estudo das nominalizações com o verbo suporte TER*, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Barbosa (1982): João Morais Barbosa, *Dom Duarte – Leal Conselheiro*. (Actualização ortográfica, introdução e notas de), Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Biblioteca de Autores Portugueses.
- Barroso (1994): Henrique Barroso, *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo. Visão funcional/sincrónica*, Porto, Porto Editora.
- Bourdon (1979): Léon Bourdon, “Question de priorité autour de la découverte du manuscrit du «Leal Conselheiro»”, *Arquivos do Centro Cultural Português*, XIV, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cardeira (2005): Esperança Cardeira, *Entre o português antigo e o português clássico*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Cardeira (2009): Esperança Cardeira, “Revisitando a periodização do português: o português médio”, *Domínios de Linguagem*, ano 3, n.º 2, 2.º semestre, pp.103-115.
- Cardeira (2010): Esperança Cardeira, “Português médio: uma fase de transição ou uma transição de fase?”, *Diacrítica*, n.º 24/1, pp. 75-95.
- Castro (1993): Ivo Castro, “A elaboração da língua portuguesa, no tempo do infante D. Pedro”, *Actas do Congresso Comemorativo do 6.º Centenário do Infante D. Pedro* (25 a 27 de Novembro de 1992) – (Também in *Biblos, Revista da Faculdade de Letras*, vol. LXIX), pp.97-106.
- Castro (1996): Maria Helena Lopes de Castro, *Dom Duarte. Leal Conselheiro*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Castro (2006): Ivo, *Introdução à história do português*, 2.ª ed., Lisboa, Edições Colibri.
- Chevalier (1977): Jean-Claude Chevalier, “De l’opposition aver-tener”, *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, n.º 2, pp. 5-48.
- Costa (1998): Maria João Marques Alves da Costa, *Os valores dos verbos “aver” e “teer” no português arcaico. Estudo diacrónico de carácter sintáctico-semântico*, Coimbra, Faculdade de Letras.

- Cunha (1995): António Geraldo da Cunha, *Os verbos Dar, Dizer, Estar e Fazer no vocabulário do português medieval*, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa.
- Ferreira (1981): José de Azevedo Ferreira, “Les verbs haber–tener el l’emploi de l’anaphorique y dans le Libro de los Gatos”, *Boletim de Filologia*, tomo XXVI (1980/81), pp.245-270.
- Ferreira (1994): João Rodrigues Ferreira, *Contributos para o estudo da evolução dos verbos ter e haver na língua portuguesa*, Braga, Universidade do Minho.
- Gonçalves (1996): Fernando Lopes Gonçalves, *Os verbos ter e haver em Fernão Lopes*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia.
- Leal Conselheiro e Livro de ensinança de bem cavalgar toda sella*, Lisboa, Typographia Rollandiana, 1843.
- Osório (2004): Paulo Osório, *Contributos para uma caracterização sintático-semântica do português arcaico médio*, Covilhã, Universidade da Beira Interior Editora.
- Piel (1942): Joseph Maria Piel, *Leal Conselheiro o qual fez dom Duarte rey de Portugal e do Algarve e senhor de Cepta*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- Roquete (1854): J. I. Roquete, *Leal Conselheiro, o qual fez Dom Duarte, pela graça de Deos Rei de Portugal e do Algarve, e senhor de Ceuta, a requerimento da muito excellente Rainha Dona Leonor sua mulher*, V.^a J. P. Aillaud, Pariz, Monlon e C.^a.
- Seifert (1930): Eva Seifert, “Haber e Tener como expresión de la posesión en español”, *Revista de Filología Española*, tomo XVII, cadernos 3 e 4, pp. 233-389.
- Silva (1989): Rosa Virgínia Mattos e Silva, *Estruturas trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Silva (1997): Rosa Virgínia Mattos e Silva, “Observações sobre a variação no uso dos verbos ser, estar, haver, ter no galego-português ducentista”, *Estudos lingüísticos e literários*, n.^o 19, pp. 253-286.
- Silva (2008): Rosa Virgínia Mattos e Silva, *O português arcaico. Uma aproximação*. Vol. II - *Sintaxe e morfologia*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Silva e Osório (2008): Jaime Ferreira da Silva e Paulo Osório, *Introdução à história da língua portuguesa. Dos factores*

externos à dinâmica do sistema linguístico, Chamusca, Edições Cosmos.

- Torres (1997): Amadeu Torres, “Na pista do Prof. Azevedo Ferreira: os verbos ter e haver em dois cartulários nortenhos”, *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. II, Lisboa, pp. 303-313.
- Vieira (1961): Maria Teresa Botelho de Sousa Vieira, «SEER» e «ESTAR» no português medieval, Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra.